

Apresentação do Dossiê nº 20:

Morte e não-morte: o governo dos não-mortos e o trânsito entre o mundo dos vivos e dos mortos

■

A questão das fronteiras do mundo dos vivos e dos mortos povoa os imaginários e as dinâmicas coletivas em várias partes do mundo. Através do tempo, diferentes tradições e narrativas abordam o trânsito entre mundos nas suas mais diversas dinâmicas e englobam uma infinidade de seres que orbitam ou transgridem tais limites, sejam os encantados, as entidades espirituais, os corpos secos, as assombrações, as almas penadas, as malkas, os xipocos, os *changelings*, as matumbolas ou maiombolas, os *revenants*, os zumbis, entre outros. Tais intercâmbios se efetuam por diferentes motivos, sob diferentes circunstâncias. Erick Felinto nos lembra, por exemplo, das frequentes representações culturais dos fantasmas como entidades que retornam para revelar algo que deveria ter permanecido oculto (2008, p. 37). Por sua vez, os corpos secos devem sua existência póstuma à não obediência a preceitos cristãos em vida e à não realização

* Pós-Doutor pela Universidade de Londrina (UEL), Brasil. Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor Associado IV no Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), campus Caicó. Diretor da *Trapiá Cia Teatral*. Membro do Grupo de Pesquisa *História dos Sertões (UFRN/CERES)*, do GT História: *Religiosidade e Cultura/UFSC* e do Laboratório de Estudos do Cordel e Recepção (LECORE/UFRN). CV: <http://lattes.cnpq.br/2227836576507822>

** Doutor em Comunicação pela Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, Brasil. Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGACL/UFJF), na linha de Cinema e Audiovisual. CV: <http://lattes.cnpq.br/5381739245968703>

dos ritos fúnebres católicos (Reis Filho *et al.*, 2022). Os *corps cadavers* da Martinica e o *zumbi* do vodu haitiano ganham destaque no sistema de crenças afro-caribenhas; contudo, se eram realidades aceitas no campo religioso local, exploradores e viajantes europeus distorceram seu sentido a partir de uma perspectiva eurocêntrica, imperialista e notoriamente racista (Cohen, 2014; Williams, 2004). Nas religiões afro-brasileiras, os encantados são os espíritos daqueles que morreram ou então passaram diretamente para um mundo mítico, sem ter conhecido a experiência de morrer (Prandi, 2006). Os exemplos abundam. A questão é que as experiências trocadas entre o nosso mundo e o além, e em sentido contrário, movimentam as sensibilidades humanas e nos colocam diante de paradigmas a serem discutidos e problematizados.

Do ponto de vista da ciência política e da filosofia, existe um crescente interesse em perceber como diferentes estratégias de governo de populações ou indivíduos caracterizados como não-mortos ou mortos-vivos fazem parte da panóplia de estratégias de governamentalização dos Estados ou entidades supra-estaduais modernas. É nesse sentido que, completando Foucault, Achille Mbembe alerta para a criação de “mundos de morte” onde “vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o estatuto de “mortos vivos” (2018, 71) e Frank B. Wilderson (2020) expande o conceito de “morte social”, cunhado por Orlando Patterson (1982), para argumentar que, no pensamento ocidental, o Negro é sempre conceptualizado como não-vivo. Por outro lado, aprofundando o argumento de Jaques Derrida, em *Spectres de Marx* (1993), Mark Fisher (2012) propõe o termo *fantasmologia* (*hauntology*) para descrever a forma como estéticas e utopias passadas assombram a cultura neoliberal.

É possível perceber que a morte e seus fantasmas são narrados em diversas culturas e temporalidades, como nos traz **Fábio Gerônimo Mota Diniz** em seu artigo *Morte, rituais fúnebres e fantasmas na Argonáutica de Apolônio de Rodes*. Ao analisar o poema de Rodes, bibliotecário da Biblioteca de Alexandria, o autor nos revela a morte e os fantasmas interferindo e até mesmo auxiliando na compreensão dos mitos que fundam narrativas como as de Jasão e Medéia. O próprio assombramento com o aparecimento dos mortos dá lugar ao respeito pelos heróis do passado, demonstrando o quão os gregos, de diversas temporalidades, respeitavam os rituais mortuários e os desdobramentos da morte, como as aparições fantasmagóricas que podem ser observados nos textos dramáticos, na poesia, nas artes visuais. Cuidar dos mortos era de fundamental relevância para se manter as tradições, as Histórias e os mitos.

Já o texto de **Lúcio Reis Filho**, intitulado *Opúsculo dos Mortos-Vivos: estigma e representação da lepra em periódicos brasileiros de início do século XX*, nos apresenta corpos que foram renegados e desprezados ao longo da História por possuírem uma doença vista por uma sociedade excludente como o mal cravado na pele, o estigma da maldição e da impureza. Nada poderia ser feito com estes corpos a não ser o seu enclausuramento e a sua expulsão do convívio social. Corpos doentes, purulentos e ditos como monstruosos não poderiam conviver com corpos sadios de uma modernidade que prezava pela sanitização e a higiene, fazendo com que espaço de depósitos humanos fossem se proliferando pelo mundo. O autor vai buscar, como fonte privilegiada, a imprensa que aos moldes dos discursos modernizadores, bradava pela separação entre corpos doentes e corpos livres das marcas da lepra. O leproso



era a representação do morto-vivo, do ser que caminha para contaminar os outros, para desumanizar os seres. Os leprosos, vistos como párias, não deveriam ter o direito de viver em liberdade, já que contaminariam os ares, os espaços e os corpos higienicamente aceitos.

No artigo *Casas assombradas: aparições dos mortos entre o Ceará e Portugal*, **Francisco Wellington Gomes Filho** nos faz lembrar que os mortos, por vezes, estabelecem vínculos com determinados lugares. Por meio de análise comparativa e da abordagem da micro-história, o autor investiga narrativas provenientes da cultura oral, observando como as assombrações cearenses e portuguesas guardam traços em comum, sejam as formas ou motivações de sua aparição, sejam suas interações com os vivos. Ressalta, ainda, a centralidade do lugar onde essas interações ocorrem, pois é por meio dos “espaços assombrados” – a exemplo das residências onde habitam os vivos – que se configura uma historicidade dos medos, que reverberam no mundo humano em termos de crenças. Dado que o imaginário é formado por símbolos, práticas, representações e crenças, tais narrativas estão imbuídas de sentidos e mistérios, conservados pelas chamadas casas assombradas.

Em *Pilão Deitado: do cangaço aos terreiros*, **Lourival Andrade Júnior** recupera a história do cangaceiro que deu nome ao seu texto – integrante do bando de Antônio Silvino, muito conhecido nos sertões nordestinos. A partir de vasta pesquisa documental, o autor lança luz sobre a trajetória desse personagem histórico e sua incorporação póstuma aos terreiros de Jurema Sagrada, que fez dele um dos principais mestres dessa religião mediúnica e híbrida. Por consequência, o cangaceiro assassinado em 1901 na Fazenda Pedreira em Caicó, no Rio Grande do Norte, nunca deixou de existir, criando pontes entre o mundo dos mortos e o mundo dos vivos. O que ajuda a demonstrar como a não-morte pode ser experienciada em seus espaços de ritual e nas interlocuções com os médiuns e com os próprios espíritos desencarnados.

O artigo de **Lucia Noelia Rios**, *Existencias liminares: modos de ser y estar entre lo vivo y lo muerto en la escritura del libro de la morgue judicial en Córdoba, Argentina, en 1976*, faz do trabalho de campo e da análise do Livro do Necrotério judicial de Córdoba as alavancas para desnudar um período da ditadura civil-militar na Argentina, em que os mortos eram catalogados e inscritos conforme a especificidade do ato repressivo que os tirou a vida. O Livro do Necrotério é a ponta do iceberg do que foi este período de exceção que marcou a vida de milhares de pessoas, que tinha como premissa eliminar seus opositores – inimigos – e calar seus corpos. O texto ainda avança para que possamos pensar sobre algumas questões, mesmo não estando mais em uma ditadura: será que os corpos divergentes e incômodos para a sociedade contemporânea não são perseguidos e mortos? Invisibilizar, excluir, silenciar, discriminar, menosprezar, ridicularizar e eliminar o contraditório são formas de matar que podem estar inscritos em livros oficiais ou na forma como lidamos com o não convencional como normal e politicamente aceito.

A fim de refletir sobre as fronteiras do mundo dos vivos e dos mortos e sobre a liminaridade da não-morte, o presente dossiê reúne artigos dedicados às possibilidades de trânsitos, contatos e governos entre esses mundos e aquilo que existe em seu íterim. Para tanto, pretende-se entender a morte, o morrer e o não morrer numa perspectiva ampla,



interdisciplinar e transversal; e nas suas diversas possibilidades de diálogo conceitual e metodológico.

Referências Bibliográficas

Cohen, S. Zombie. In: J. A. Weinstock (org.). (2014). *The Ashgate Encyclopedia of Literary and Cinematic Monsters*. Ashgate Publishing.

Derrida, J. (1993). *Spectres de Marx*. Paris: Galiléé.

Felinto, E. (2008). *A imagem espectral: comunicação, cinema e fantasmagoria tecnológica*. Cotia, SP: Ateliê Editorial.

Fisher, M. (2012). What is Hauntology. *Film Quarterly*, 66(1), 16-24.

Mbembe, A. (2018). *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. N-1 Edições.

Patterson, O. (1982). *Slavery and Social Death: a comparative study*. Harvard University Press.

Prandi, R. (org.). (2006). *Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados*. Rio de Janeiro: Pallas.

Reis Filho, L.; Rodrigues, C. & Santos, C. J. (2022). Assombrações, catolicismo e “não morte” nas narrativas do “Corpo Seco”. *Revista Brasileira de História das Religiões*, 14(42), 29-68.

Wilderson, F. B. (2020). *Afropessimism*. W. W. Norton & Company.

Williams, J. (2004). *Vodu: fenômenos psíquicos da Jamaica*. Madras.

